

O QUE É DANÇA MODERNA?

Eu acho que o que complica a observação da obra de arte é o rótulo que se coloca nela, no sentido de associá-la ao momento em que é criada. Existem criações que nascem velhas e outras que permanecem de uma atualidade que, no mínimo, surpreende.

Ao se pegar um livro de história da dança - não uma defesa de tese, dessas que a Comunidade Acadêmica adora -, mas um livro que oriente quem queira saber alguma coisa sobre dança moderna, vai ler que dança moderna é o movimento desencadeado por duas extraordinárias mulheres - Martha Graham e Doris Humphrey - ambas oriundas da escola fundada por Ruth SaintDenis e Ted Shawn, a Denishawn. Elas rejeitam, de início, completamente os cânones do ballet, recuperam para os movimentos a idéia do peso da lei da gravidade, desenvolvem princípios que trabalham contrações e os relaxamentos, quedas e recuperações do corpo, e reivindicam, para as criações, temas relacionados ao homem e seus mais diversos problemas: de conflitos existenciais a posicionamento político. Se os autores dispõem de espaço para falar um pouco mais, mencionam as ideias revolucionárias de Isadora Duncan procurando situar tais ideias na linha que leva ao surgimento da dança moderna.

Só que esta classificação pode se revelar muito imperfeita; até porque ninguém vai dormir antigo e nasce moderno. Nem Diaghilev.

Roberto Pereira, no seu excelente livro Giselle, o vôo traduzido, transcreve a citação Rosenfeld e Guinsburg: "o fenômeno de romantismo já traz o selo de nossa atualidade". E é possível ir muito mais longe nisso. O Padre Menestrier deixou escrito um ensaio datado de 1682 intitulado "Ballets antigos e modernos, segundo as regras do teatro" e Noverre, um iluminista da dança também

mencionou a palavra "moderno" ligada à dança cênica. Sem esquecer que a Era Moderna começa em 1476.

Por exemplo: onde fica a barreira que separa o expressionismo alemão de Laban, Wigman e, sobretudo, Jooss, da dança moderna norte-americana? São movimentos que surgiram em continentes diferentes, com mais ou menos uma década de distância entre um e outro, mas que têm inúmeros pontos de convergência, até porque os dois trazem as contribuições de François Delsarte e Jacques Dalcrose, teóricos que passaram a estudar o movimento a partir de um ponto de vista não apenas físico, mas também psicossomático.

E o que dizer dos criadores de obras como Petroushka de Fokine, Sagração de Nijinski, Noces de Nijinska, Parade de Massine, O Filho Pródigo de Balanchine, Relâxe de Borlin, entre tantos outros?

O que são coreógrafos como Tudor, Robbins, MacMillan, Forsythe, Kylian, Cranko, Pina Baush, Mathew Bourne, Magui Marin, Deborah Colker, Lia Rodrigues, Gilberto Motta, Limon, Cunningham, etc., etc., etc., misturando tudo? São contemporâneos, modernos, pós-modernos? Serão eternos?

E Balanchine (1904-1983), que sempre se intitulou o herdeiro de Petipa, o acadêmico dos acadêmicos, hoje equiparado aos vanguardistas Picasso, Stravinsky e Joyce?

Balanchine, para dar uma idéia, já trabalhava em 1928 com a noção da velocidade que caracteriza nosso tempo. Captou a atletização dos corpos do século XX sem enveredar pela mera superação gratuita de marcas atléticas, sem perder de vista que era apresentando a dança como arte que ele a transformaria em extraordinário entretenimento. Sua criação influenciou o mundo todo, tal a diversidade contrastante de estilos, formas e gêneros que usou sem jamais abrir

mão de seu clássico, ao qual apenas acrescentou o prefixo neo: novo. Hoje a crítica analisa a dança de Balanchine como absolutamente atual.

O século XX não respondeu, como se esperava, às questões eternas do homem; entramos no XXI com as mesmas angústias e, todos os grandes criadores ao longo do tempo, captaram isso. Todos, nesse sentido, foram e continuam sendo extremamente modernos. Ou não foram grandes. Só isso!

Hoje se fala em globalização, mas a dança sempre foi uma arte cênica com tendência a globalizar-se na medida em que não conhece a barreira do idioma.

Balanchine e os chamados acadêmicos que mencionei, como Cranko, envolvem um enorme grau de dificuldade de interpretação, porque seus artistas precisam de despojar totalmente do maravilhoso, do artifício, que foi a marca do ballet do século XIX; precisam se revelar humanos para atingir os personagens que representam. Os bailarinos de Cranko, MacMillan, Neumeier, todos herdeiros de Balanchine, de Graham, de Jooss, basicamente, precisam ter uma visão moderna da vida para conseguir representa-los sem sérios equívocos de interpretação.

Então, eu retorno a pergunta aos leitores: o que é dança moderna?

Sérgio, tem criação que nasce velha e outras que permanecem de uma atualidade que no mínimo, surpreendente.

Se você pegar um livro de história da dança formal - não uma defesa de tese dessas que a Comunidade Acadêmica adora -, você vai ler que dança moderna é o movimento desencadeado por duas extraordinárias mulheres - Martha Graham e Doris Humphrey - ambas oriundas da escola Denishawn fundada por Ruth SaintDenis e Ted Shawn. Seguindo caminhos independentes elas observaram profundamente os movimentos básicos do corpo humano para elaborar suas teorias e técnicas de ensino e introduziram, nas suas criações, temas relacionados aos problemas do homem: de conflitos existenciais a posicionamento político. Se contrapõem aos cânones do ballet clássico, recuperando para os movimentos a idéia do peso da lei da gravidade revelando o esforço exigido para dançar.

Só que ninguém vai dormir antigo e nasce moderno. Nem Diaghilev. Roberto Pereira, que escreveu o excelente Giselle, o vôo traduzido, transcreve uma citação de autores - Rosenfeld e Guinsburg, que desconheço, mas que gostei muito: "o fenômeno de romantismo já traz o selo de nossa atualidade". Sabe Sérgio, é possível ir muito mais longe nisso; pode-se chegar a Noverre para ouvir pela primeira vez a expressão moderno ligada à dança cênica, passar até por Petipa e lembrar de Isadora Duncan.

Martha Graham rejeitou essa classificação para ela mesma. Dizia: "A dança moderna se torna obsoleta com excessiva rapidez. É por isso que sempre uso a expressão 'dança contemporânea' - da sua época. Jamais digo 'dança moderna'. Não existe tal coisa..." E adiante fala: "Me perguntam se é difícil para uma bailarina clássica aprender minha técnica. As técnicas não são tão

diferentes. Ela partilham uma dedicação à dança como um arrebatamento e como uma energia... Minha técnica é um modo de fazer as coisas diferente de qualquer outra pessoa. É uma determinada utilização do corpo, um amor a ele. É um amor ao teatro como um meio pelo qual um bailarino consegue se expressar." Falando de Maya Plissetskaia dizia: toda dança é universal e só existem duas danças: a boa e a ruim.

Sérgio, ela diz tudo com essas palavras. Onde fica a fronteira que separa o expressionismo alemão da dança moderna norte-americana? Surgiram em continentes diferentes, com mais ou menos uma década de distância, mas têm inúmeros pontos de convergência.

O século XX não respondeu, como se esperava, às questões eternas do homem; entramos no XXI com as mesmas angústias e, todos os grandes criadores, ao longo do tempo, captaram isso. Todos, nesse sentido, foram e continuam sendo extremamente modernos. Ou não foram grandes. Só isso! Continuamos Petroushkas nas mãos de de magos charlatões - falo de Fokine.

Eu considero coreógrafos como Nijinski, Nijinska, Massine, Balanchine, Tudor, Robbins, Petit, Béjart, MacMillan, absolutamente contemporâneos. Não pela forma, mas pelo conteúdo de sua obra. É impossível ser boa intérprete de Cranko, por exemplo, sem se ter uma visão moderna da vida. Ou os bailarinos se despojam do academicismo, maravilhoso, do artifício, que foi a marca do ballet do século XIX, ou só decoram o texto; não o interpretam. Precisam se revelar humanos para atingir os personagens que representam. Mesmo no ballet

Balanchine hoje é equiparado a Picasso, Stravinsky e Joyce? Em 1928 ele já trabalhava com a noção da velocidade, de movimento permanente que caracteriza nosso tempo. Sua dança não é fotográfica, é totalmente ligada. Ele

captou a atletização dos corpos do século XX, sem enveredar pela mera superação gratuita de marcas atléticas. Nunca perdeu de vista que dança é arte, não ginástica, embora a admitisse como um extraordinário entretenimento. Embora ele se intitulasse o herdeiro de Petipa, o acadêmico dos acadêmicos, a dele criação influenciou o mundo inteiro, tal a diversidade contrastante de estilos, formas e gêneros que usou. Jamais abriu mão do clássico; apenas lhe acrescentou o prefixo neo: novo.

Al establecer junto con Kirstein, la School of American Ballet (1934) y el New York City Ballet (NYCB) en 1948 generó una labor didáctica y creativa personalísima por la cual hoy se lo venera como "el padre del ballet estadounidense". Formó bailarines cuyas figuras estilizadas pudieran dominar una técnica y estilo identificados como "Balanchinianos". Aunque se decía ser más bien un gran artesano, reiteraba: "Dios crea... yo armo". Así con este capital humano experimentó incansablemente hasta depurar un lenguaje coreográfico que en lo poético pudiese equiparse con las más sublimes partituras musicales. Integró varias generaciones de bailarines representativos de múltiples etnias que le permitieron revolucionar al ballet como un espectáculo único en el cual la danza era lo principal: "la estrella".

Balanchine amó a los Estados Unidos. Confesaba: "Me gustan los 'westerns', los 'ice creams', cómo sueña y cómo huele la vida aquí" y por ello su danza revela un inconfundible sello estadounidense que se caracteriza por